

INCORPORANDO A INCLUSÃO ATRAVÉS DO ENSINO DA BIOLOGIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Rodolfo Lucas Bezerra de Almeida; Reginaldo Lourenço Pereira Júnior; Edigreice Karoline Gomes Gusmão Muniz; Wedja Rosalina Soares Dos Santos; Maria Helena da Costa Carvalho

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. rodolfoalmeida@gmail.com

INTRODUÇÃO

O combate ao preconceito contra os indivíduos com deficiência ampliou-se consideravelmente somente no final do século passado (Crochík, 2011). E, apesar de alguns avanços, ainda estamos distantes de uma cultura de respeito e valorização à diversidade e essas pessoas ainda enfrentam diariamente processos de rejeição e atitudes aversivas à inclusão social.

Segundo Dias (2013), as práticas de *bullying* na educação especial podem estar promovendo o isolamento, exclusão e auto exclusão do aluno especial, prejudicando todo o trabalho de inclusão, que se pretende efetivar.

A inclusão social pode ser considerada um conjunto de atitudes que garantam a atuação e participação igualitária de todos na sociedade. Nessa perspectiva, o respeito e atendimento ao direito de participação e acesso de todos aos bens sociais implica romper barreiras ligadas à classe social, às condições físicas, ao gênero, à etnia ou a qualquer outra característica que seja rotulada como limitante. É nesse contexto que o acolhimento de pessoas com deficiência nas escolas se torna primordial para a quebra dessas barreiras, garantindo a inclusão social de qualidade, o que vai muito além da aceitação formal e das adaptações da estrutura física.

De acordo com Bereta e Viana (2014) estudos demonstraram que o processo de inclusão traz muitos benefícios para toda comunidade escolar, pois, convivendo com a diferença, os atores sociais da escola podem aprender a aceitar e respeitar as limitações de cada um.

A Constituição Federal de 1988, no inciso I do art. 206, afirma que um dos princípios para o ensino ser ministrado será: “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. Esse princípio é retomado em termos mais específicos no inciso 3, do art. 208, quando explicita que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Dados do relatório de educação do MEC, revelaram que as matrículas de alunos com necessidades educativas

especiais, de 2000 a 2013, cresceram em escolas regulares e classes comuns, subindo de 81,6 mil para 648,9 mil (+695,2%), enquanto que as matrículas em escolas e classes especializadas caiu de 300,5 mil para 194,4 mil (-35,3%).

O aumento significativo desses alunos na rede regular de ensino representa um desafio para as instituições de ensino que precisam se reinventar, criando novas práticas pedagógicas que garantam atender à diversidade.

Aprender a conviver com a diversidade é um dos primeiros passos para termos uma escola de qualidade. Porém, se a escola como um todo (alunos, professores e funcionários) não tiverem informação e contato, principalmente com pessoas que possuem necessidades especiais, como teremos uma escola inclusiva e de qualidade? Silva e Silva (2016) com base na pesquisa realizada em escolas estaduais da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa-PB afirmaram que os professores aparentam ainda não se sentirem preparados para exercer sua prática pedagógica voltada aos alunos com deficiência. Pesquisas confirmaram as dificuldades para ocorrer adaptações curriculares e estratégias de aula, além de exclusão do aluno com deficiência de atividades, promovendo o isolamento do aluno por falta de formação do professor e material didático voltado para eles (Lacerda, 2006; Lima; Assunção; Moura, 2016).

No desenvolvimento do Estágio Curricular no Ensino de Biologia observamos esses problemas não apenas no que diz respeito à ausência de uma atitude inclusiva, mas de um trabalho educativo nessa direção. Essas constatações serviram de base para elaboração de um projeto didático a ser desenvolvido com os alunos do ensino médio. O trabalho, ainda em fase de desenvolvimento numa escola pública da rede estadual de ensino de Pernambuco, busca articular conhecimentos biológicos, sobre audição e visão e noções básicas de Libras e Braille ao desenvolvimento de atitudes de respeito e acolhimento às pessoas deficientes. Entre os objetivos perseguidos, destacamos: proporcionar conhecimento biológico sobre deficiência auditiva e visual; destacar a importância da inclusão, possibilitando aos alunos conhecimentos básicos de Libras e do Braille e construir reflexões que ressignifiquem o conceito de Educação Inclusiva.

METODOLOGIA

O projeto, cuja execução foi prevista para o segundo semestre de 2017, foi iniciado no dia 22 de agosto do corrente ano com uma abertura ao estudo durante a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla. Na programação, inicialmente, foi realizado, pelos autores deste

trabalho, o painel "Deficiência Intelectual e Múltiplas: aspectos biológicos; físicos e sociais. O painel incluiu exposições sobre três temas: a) a "Biofísica da Audição e da Visão", abordando os fatores biológicos envolvidos nos processos de visão e audição, juntamente com os diferentes tipos de deficiência auditiva e visual; b) "Libras, Braille e Legislação", também realizado pelos autores deste trabalho, contemplou a legislação que ampara essas formas de comunicação; c) contando com a participação de David Alexandre, tivemos a palestra "Deficiência sem limites", em que o palestrante tratou a deficiência como uma questão social e cultural.

Dando continuidade ao projeto, foram trabalhadas com os alunos as formas básicas de comunicação por meio de duas oficinas distintas, uma sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e a outra abordando o Braille. Na oficina da LIBRAS, foram apresentados: o alfabeto manual, os números, as saudações, as cores, as roupas e os sinais de biologia que podem ser utilizados na escola. Na oficina relacionada ao Braille, foram abordados: o alfabeto, números e pontuações, além da formulação e interpretações de pequenas frases. As oficinas contaram com o auxílio da professora especialista Patrícia Pordeus, responsável por acompanhar o aluno com deficiência visual na escola.

Consta, ainda, como atividade a ser desenvolvida no projeto, a elaboração e aplicação de material didático para o ensino de Biologia, com enfoque nos materiais inclusivos para deficientes visuais, para ser trabalhado com o aluno com deficiência visual da escola. Para tanto, foi feito o levantamento dos assuntos que o professor de Biologia da escola e a profissional que acompanha o aluno preveem como mais difíceis de serem trabalhados e compreendidos pelo mesmo, como por exemplo, os ciclos biogeoquímicos, constando da programação a confecção de maquetes para facilitar a compreensão dos conteúdos. Além disso, foram aplicados alguns jogos adaptados extraídos do livro de Antunes (1999), como "A presa e o predador".

Por fim, os alunos terão contato direto com outras pessoas com deficiência, pois embora a escola possua um aluno deficiente visual, nem sempre os outros alunos possuem um contato direto com pessoas com algum tipo de deficiência, ficando eles, muitas vezes distantes do que é, como ocorre e como lidar. Essa etapa do projeto tem como objetivo sensibilizar os alunos sobre a deficiência e a inclusão na escola por meio de uma roda de diálogo, onde as pessoas com deficiência contarão sua trajetória, ressaltando suas dificuldades pedagógicas e no processo de inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a abertura ao estudo (Figura 1), os educandos observaram as diferentes doenças relacionadas com a audição e visão, Identificando algumas causas das deficiências citadas. Além disso, compreenderam os processos ocorrentes na biofísica da audição e visão.



Figura 1: Panorama de alunos ouvintes (A). Início da abordagem sobre legislação, Libras e Braille (B). Abordagem sobre biofísica da audição (C). Abordagem sobre biofísica da visão (D).

Os depoimentos, após a palestra, demonstraram que os alunos já possuíam uma base sobre a biofísica da audição e da visão. No entanto, muitos relataram que “mudaram positivamente a visão que possuíam das pessoas com deficiências”. Um aluno enfatizou que “teve uma melhor compreensão de que nós somos iguais”. Outro ressaltou a importância de lutar pela inclusão social. Também registramos depoimentos relativos ao “achar graça” e “fazer *bullying*” com pessoas com deficiência; segundo os depoentes, a palestra ajudou na construção do respeito, o que corrobora com os estudos de Bereta e Viana (2014) já citados neste trabalho.

Através das oficinas de Libras, os alunos perceberam que não é tão difícil de aprender como imaginaram que seria, e que alguns sinais são parecidos com os que fazemos no dia a dia (ex: tchau). Foi comum também o uso dos sinais aprendidos, após as oficinas, para a comunicação e o ensinamento para alunos que não participaram das oficinas, demonstrando aprendizagem significativa de sinais básicos em diferentes contextos, como também foi comprovado nos estudos de Isidorio (2017). Silva; Silva; Daxenberger (2015) também defendem a inclusão de Libras nas escolas de forma efetiva, pois dessa forma os alunos poderão se aperfeiçoar na língua aprendida, alcançando uma maior proficiência.

Nos jogos adaptados da “Presas e Predador” os alunos, além de observarem a importância da cadeia alimentar para o equilíbrio ecológico de um ecossistema, vivenciaram a experiência de localizar objetos com os olhos vendados, percebendo as dificuldades enfrentadas pelos cegos e a importância da ampliação do uso de outros sentidos no enfrentamento das situações.

Os alunos reconheceram a importância de posturas de respeito aos alunos com necessidades especiais, entendendo que, como todos, os mesmos possuem o direito a uma educação igualitária, ressignificando o conceito de Educação Inclusiva.

CONCLUSÕES

No decorrer da elaboração e aplicação do projeto, foi possível observar a realidade da inclusão escolar presente na escola, mostrando que esta precisa ser amplamente discutida, promovendo uma reflexão dos professores acerca de suas metodologias. Assim, a intervenção foi primordial para iniciar a discussão na escola e possibilitar a mudança de concepção e de atitude dos educandos em relação à questão.

Como futuros professores, tivemos a oportunidade de prever os possíveis impactos e dificuldades que encontraremos ao exercer a docência em escolas que possuem alunos com deficiência. Por outro lado, a experiência vivida, além de ter contribuído para desenvolver a sensibilidade e o compromisso ético no atendimento aos alunos especiais, serviu de preparação na elaboração de metodologias que promovam e facilitem a inclusão.

Deste modo, sugerimos que novas intervenções sejam realizadas, ampliando o debate e incorporando ao processo de formação de futuros professores a elaboração de novas ferramentas para que a inclusão escolar ande com passos mais rápidos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências**. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

BERETA, M. S.; VIANA, P. B. M. Os benefícios da inclusão de alunos com deficiência em escolas regulares. **Revista Pós-Graduação: Desafios contemporâneos**. v.1, n. 1, p. 115 - 129, 2014.

BRASIL. **Relatório Educação para Todos no Brasil, 2000-2015**. Brasília: MEC, 2014.

CROCHÍK, J. L. Manifestações de preconceito em relação às etnias e aos deficientes. In: CROCHÍK, J. L. (Org.). **Preconceito e Educação inclusiva**. Brasília: SDH/PR, 2011. p. 129-146.

DIAS, F. B. G. **Bullying na Educação Especial**. 2013. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

ISIDORIO, A. R. Inclusão: Aulas de Libras (L2) para crianças ouvintes em uma escola inclusiva no Programa Mais Educação. **Revista Virtual de Cultura Surda**, ed. 20, 2017.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

LIMA, T. A.; ASSUNÇÃO, A. D. A.; MOURA, P. M. O ensino de química e a educação inclusiva: uma proposta para deficientes visuais. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais...** Realize Eventos, 2016.

SENADO FEDERAL. **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

SILVA, M. L.; SANTOS, M. J.; DAXENBERGER, A. C. S. Importância do ensino de Libras para alunos surdos e ouvintes. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO, 16., 2015, Areia-PB. **Anais...** 2015.

SILVA. Y. C.; SILVA, W. C. Educação inclusiva: análise de perfil dos professores de biologia e a relação com a inclusão do aluno com deficiência em sala de aula em cinco escolas do município de João Pessoa-PB. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016, Campina Grande. **Anais...** Realize Eventos, 2016.